

## **PRAZER**

---

**Jean Houssaye**

**Universidade de Rouen  
França**

### **Resumo**

Sobre a base de regras de funcionamento que caracterizam o ‘triângulo pedagógico’ definido como esquema de análise do funcionamento educativo, a questão do prazer será posta tanto como caracterizando a utilização ‘normal’ dos dispositivos educativos, ou seja, como prática da medida, como excesso, desvio, loucura destes mesmos dispositivos, ou seja, como prática da desmedida.

**Palavras-Chaves :** Aprender ; Ensinar; Formar; Prazer; Triângulo pedagógico.

### **Resumé**

Sur la base des règles de fonctionnement qui caractérisent le triangle pédagogique défini comme schéma d’analyse du fonctionnement éducatif, la question du plaisir sera posée aussi bien en tant que caractérisant l’utilisation “normale” des dispositifs éducatifs, soit comme pratique de la mesure, qu’en tant qu’excès, que dérapages, que folie de ces mêmes dispositifs, soit comme pratique de la démesure.

**Mots-Clés :** Apprendre ; Enseigner ; Former ; Plaisir; Triangle pédagogique.

Por tradição educativa, o prazer tem pouco cartaz em educação. A maior parte daqueles que são chamados os ‘grandes pedagogos’ buscaram mostrar, bem, que ele é essencial à aprendizagem, no entanto, por séculos, a realidade escolar esteve baseada – e ainda continua – sobre o esforço, a renúncia, só permitindo o prazer sob formas perversas – sadismo e masoquismo. Fala-se, é verdade, no prazer de aprender e no prazer de ensinar, mas se tem a tendência de analisar cada um desses aspectos separadamente e, mesmo, de forma antagônica.

Pode ser mais interessante perceber como a questão do prazer se coloca no funcionamento pedagógico, mesmo. Para fazer isto, vamos examinar um modelo de compreensão da situação pedagógica, entendendo por modelo uma representação simplificada de um sistema e não uma exemplariedade saturante. Sobre a base de regras de funcionamento que caracteriza este esquema de análise, a questão do prazer poderá ser posta tanto como caracterizando a utilização ‘normal’ de dispositivos educativos, como excesso ou como desvios que indicam que esses dispositivos enloquecem, às vezes.

## **O quadro ou a medida do lado do prazer**

Vamos ter como modelo o do *triângulo pedagógico*<sup>1</sup>, que se esforça para precisar as modalidades de ação educativa, tanto em sua construção como em sua efetivação. Não retomaremos, aqui, todos os elementos dessa elaboração, retendo somente os que estão melhores adaptados à questão de que queremos tratar. Indicaremos que há prazer em educação quando as leis que regem o funcionamento do ato educativo são respeitados e colocados em funcionamento. O prazer é, então, o da medida do quadro, ou seja o do modelo do triângulo.

### ***A medida do quadro***

Quais são essas regras? Partamos da base seguinte : a situação pedagógica pode ser definida como um triângulo composto de três elementos – o saber, o professor e os alunos – dos quais dois se constituem como sujeito, enquanto que o terceiro aceita o lugar do morto ou, se com defeito, se faz de louco. Não nos detenhamos nos termos saber, professor ou aluno, a não ser para dizer que eles devem ser considerados em um sentido genérico.

A noção de sujeito, entretanto, é mais particular. O sujeito designa aquele que conta particularmente para mim, aquele que me permite de existir de modo recíproco e preferencial, aquele que eu reconheço como tal e com quem estabeleço uma relação privilegiada. O morto, ao contrário, é o daquele que estabelece um buraco nas relações, que eu não reconheço como sujeito e que não me reconhece enquanto tal. Mais precisamente, a figura do morto designa, aqui, o morto do *bridge*: ao mesmo tempo indispensável para que o jogo aconteça mas inferiorizado pois suas cartas estão paralisadas sobre a mesa. Seu lugar, no jogo, é constantemente assinalada, definida e desenvolvida pelos outros, verdadeiros

sujeitos da situação. Quanto ao louco, ele é aquele que recusa os termos da linguagem e do funcionamento comum. Fora-sujeito, ele perdeu as regras do entendimento comum e ele o faz saber perturbando o jogo comum, engendrando situações dificilmente controláveis porque excedem os modos aceitáveis de reconhecimento.

Sobre esta base, podemos adiantar que o prazer em pedagogia tem a ver com que cada um – os dois sujeitos e o terceiro, morto – ocupe seu lugar e seu papel, de tal maneira que o morto não se transforme em louco. Nesse caso, o desprazer aparece, pois as regras do jogo não são respeitadas, ao menos quanto às leis integradas e esperadas. Escolher, estabelecer e fazer funcionar uma pedagogia significa designar o lugar do morto a um dos parceiros fundadores da situação, ou seja, o saber, o professor e os alunos. Deve-se ter compreendido que cada um deles pode ter esse lugar e, por isto, constituindo os outros dois de se constituir como sujeito. Falaremos do processo para significar essa articulação sujeitos-morto. Por definição, só pode haver que três processos na ação pedagógica. Examinemos cada um deles.

### *Os processos dos pequenos prazeres*

O processo ‘ensinar’ está fundado sobre a relação privilegiada entre o professor e o saber e a atribuição aos alunos do lugar de morto. Encontramo-lo naquilo que se chama de ‘pedagogia tradicional’ ou como curso ‘vivo’ baseado nas questões e respostas. Consideraremos que nesse quadro, o prazer em educação se mantém enquanto a relação privilegiada professor-saber nutre a situação, para satisfação de todos, com os alunos aceitando o lugar de morto. Mas o desprazer pode, sempre, surgir como disfunções em um tal processo: como o morto se mete a fazer-se o louco o descolamento se torna patente. Ela pode ser externa (*drop out*): os alunos se permitem sair da situação pedagógica, enquanto ela se desenvolve e/ou a recusando ao se negarem de nela entrar. Pode ser, também, interna (*drop in*): ou os alunos começam a cochichar, quer dizer, recusam esta relação privilegiada que o professor pensa ter com o seu saber; ou, estando presentes fisicamente, eles, de fato, desistiram da situação, tanto ou mais que esses mortos se tornaram muito videntes e ocupando muito espaço.

O processo ‘formar’ funda-se sobre a relação privilegiada entre o professor e os alunos, de um lado, e a atribuição ao saber do lugar do morto, de outro lado. Nessas pedagogias - libertárias, não-diretivas, institucionais - as regras da relação professor-alunos não são dadas no ponto de partida e é sua construção, em comum, que vai permitir definir a maneira como vai ser integrado o terceiro termo – o saber, encarregado de ter o lugar do morto. O prazer em educação depende disso. Somente, ainda aqui, é possível de transformar o morto em louco. Basta recusar as regras de estruturação desse processo, reclamando por um outro. Tanto o professor como os alunos podem fazer isto. Não é raro, ver um docente que instaurou um movimento desse tipo, de repente, ‘exigir sua autoridade’, repreendendo os alunos, parceiro privilegiado, de não conseguirem se organizar, de não apreenderem o saber de modo correto. Também não é raro, ver os alunos, ao invés de se comportarem como

sujeitos, reclamam uma posição de morto que é, afinal, bem menos envolvida, bem mais distanciada. O desprazer pode, assim, aparecer e o processo pode, rapidamente, ser trocado por outro, mesmo que seja para assegurar prazeres mais seguros.

O processo 'aprender', por fim, está baseado na relação privilegiada entre os alunos e o saber, com o professor devendo ficar com a figura do morto. Este último pensa que os alunos acedem ao saber diretamente, sem sua necessária mediação, mas através de mediações indiretas. Reconhece-se, aí, as pedagogias que estão baseadas nos métodos ativos, no ensino programado, no ensino com apoio do computador, na chamada 'alternância'... O prazer está ligado ao fato de que o professor, desta vez, representa um papel de acompanhador e de preparador de uma situação de aprendizagem. Mas, também aqui, a loucura aparece. Vejamos alguns exemplos. Suponhamos que um professor que coloca seus alunos em trabalho de grupo mas que, de fato, não suporta essa situação, especialmente porque ele está, constantemente, presente nos grupos, aos quais ele repreende, fazendo, o tempo todo, observações negativas aos alunos, ou colocando questões ou dando 'conselhos'. Suponhamos, ainda, outro docente que, também, coloca os alunos em trabalhos de grupo, mas que 'dá um jeito' para que os documentos estejam inacessíveis ou sejam incompreensíveis. Ora, o desprazer aparece e as disfunções se tornam muito visíveis.

Resumindo: indicamos que o prazer, em relação à educação, é uma questão de medida. Quando os princípios que prevalecem ao estabelecimento e ao funcionamento de um quadro educativo são respeitados, o quadro é respeitado e o prazer disso emana. É claro, que se trata de pequenos prazeres, de pequenas satisfações. De medidas, precisamente. Mas cada um sabe já que é isto, mesmo se nenhuma pedagogia é perfeita, mesmo se toda a pedagogia é limitada, mesmo se é preciso um morto, mesmo se o triângulo é desequilibrado, mesmo se o céu não está sobre a terra, mesmo se só a Trindade é santa e que ela não precisa de ação cotidiana.

### **Entre Narciso e a Medusa, a desmedida em educação**

E, ao mesmo tempo, esta medida não é uma meia-medida? O prazer, o verdadeiro, não está na força, no extremo, no excesso? Não está em sua própria natureza de buscar se superar, se ampliar, se cumprir em sua totalidade? Dito de outra maneira, o prazer não está, principalmente, na desmedida? Pode nisto acreditar. Isso força, infelizmente, a constatar, pelo menos na pedagogia, que a desmedida lava a que se caia inelutavelmente na loucura. É o que experimentaremos estabelecer desdobrando duas imagens, a de Narciso e a da Medusa. E se verá que todo o problema tem a ver com o estatuto do terceiro: quando o prazer torna-se extremo, os dois sujeitos chegam a negar o terceiro enquanto tal, seja o recusando, simplesmente – e é Narciso – seja absorvendo-o também simplesmente – e é Medusa. Assim, a loucura está assegurada, em razão da negação do lugar do morto.

### *Narciso ou a recusa do terceiro*

Quando, por recusa do terceiro, dois sujeitos se constituem, totalmente, em espelho, eles tornam a representar a aventura de Narciso: toda a satisfação está em sua imagem, apagando toda a realidade externa. Narciso se afoga, vítima de sua própria loucura. Essa é uma tentação que está inscrita em cada processo, tentação que leva, de fato, a desejar mais prazer no prazer. Para isso, basta excluir o morto constitutivo da situação pedagógica.

É o caso para 'ensinar'. Descreveu-se em excesso o caso de professores que se absorvem, inteiramente, no seu saber, nada fazendo sem ele, se ligando profundamente a ele, tornando-se seguro com ele, tanto que os alunos têm a impressão de não terem sido convocados para o festim em curso. Eles não conseguem mesmo nem algumas migalhas. Tudo se passa como se eles não estivessem lá, embora a instituição lhes peça para aí ficarem. Preso nos cordas de seu saber, de seu orgasmo, o professor se deixa ver como incompreensível, cheio de saber, absconso. No seu prazer extremo, o vêem como um louco.

É o caso para 'formar'. Professores e alunos estão tão bem juntos que sua relação lhes é suficiente e basta para justificar o fato de estarem ali. O saber não é mais convidado para a relação. Ela própria toma o lugar do saber. Não é mais finalizada, nem justificada para um além dela, tento que o prazer único de estar junto funciona e dá a razão de ser da situação educativa. O saber não é trabalhado porque pode atrapalhar o bom entendimento, o excelente ambiente. Por medo de estragar a intensidade do prazer da relação, o saber é colocado para fora. Ele não tem mais lugar.

É o caso para o 'aprender'. Suponhamos que a autodidaxia torne-se permanente, que a elaboração e a relação com o saber excluam todo terceiro, o prazer do saber, com certeza, pode ser extremo mas ele não é de modo algum mediatizado por um terceiro. Aquele que tem o lugar de acompanhante, de organizador vê recusado todos os lugares e toda a razão de ser. No extremo, o sujeito que aprende é suficiente a ele mesmo; ele prende para ele e para nada. Incapaz de entreter qualquer relação com o outro. A figura do autismo se apresenta como forma de loucura. Prazer narcísico extremo?

### *A Medusa ou a absorção do terceiro*

A outra maneira de recusar o terceiro, que está no lugar do morto, é não colocá-lo para fora mas, ao contrário, tê-lo totalmente dentro. Reduzi-lo ao assimilá-lo. Pode-se crer em uma aceitação quando ele não é mais nada. Uma tal solicitude é duvidosa porque, com ela, os dois sujeitos recusam a diferença do morto, eles o desejam inteiramente em neles, nada nele mesmo. Eles entendem que devem assimilá-lo, negando-lhe qualquer forma de autonomia, juntando-se, assim, à aventura da Medusa: a Medusa porque petrifica tudo, porque ela anula tudo, não engendra senão a loucura. O outro não está lá, senão como elemento/alimento do prazer. É a loucura, pelo prazer extremo.

É o caso para o 'ensinar'. No lugar do morto, os alunos são tão seduzidos pela dupla professor-saber que eles não podem ter uma existência própria, nem uma distância crítica,

um a si mesmo. Eles caem no abismo da veneração mas é preciso lembrar que, embora tentação permanente e imagem idílica do ensino, ela é uma perversão pela excrescência do prazer. O desejo de refugo do outro se faz presente de forma muito forte.

É o caso para o ‘formar’. Não colocado à distância, não colocado como regulador, o saber passa na relação professor-aluno, não se distancia mais dela. É a relação amorosa, sedução pura e simples, é a transformação do discípulo em cúmplice, a passagem a ato da tentação relacional indispensável à educação. O prazer da relação torna-se extremo e se transforma em abismo. Professor e alunos se apanham e se aprendem, um do outro, um é outro. O desejo do prazer de si pelo outro diz isto fortemente.

É o caso para o ‘aprender’. O professor busca, neste caso, se reduzir à única relação alunos-saber. Vendo-se como instrumentalista, ele não é mais do que uma condição dessa relação. A tentação de não se ver mais como alguém que vigia ou como um documentarista está sempre presente e ela pode fornecer um prazer extremo, prova de que se chega à situação à qual o aluno acede, permanente, ao saber sem depender de nós, mesmo se estamos sempre lá, inteiramente devotados ao nosso serviço, tornados magníficos por ele. O mestre não é mais um técnico da relação com o saber, mas simplesmente um instrumento da relação alunos-saber. Também aqui, o desejo do prazer de si pelo outro diz isto fortemente.

\*

\* \*

Parte essencial do ato educativo, o prazer é muito frágil em pedagogia. Dado para nele se acreditar, ele emana de um funcionamento medido no quadro pedagógico. Quando as regras estão asseguradas, quando a desmedida não ganha a partida, quando o morto mantém o seu lugar assegurado e os sujeitos o seu, pode-se sentir o prazer. Satisfeito, ele não é nunca intenso. Isso porque a insatisfação faz parte da construção pedagógica. Aceita-se que o processo é tocado, sempre, pela incompletude, internamente (o morto não tem o lugar do sujeito) e externamente (as vantagens dos outros processos são reais, visíveis, patentes). Entretanto, é, também certo que a desmedida é fonte de prazer e de um prazer que dá muito mais satisfação e que nos puxa a ele. Tentações, tentativas de recusar aquele lugar menor do terceiro, tanto Narciso quanto Medusa são chamados, permanentemente, ao ato pedagógico, mas também à sua destruição pela excrescência do prazer. A loucura está, assim, assegurada. Loucura, sobre a qual se diz, quando completa, que é sofrimento.

### *Notas*

<sup>1</sup> Esta é um conhecido modelo pedagógico, na França, criado pelo próprio Jean Houssaye. (N. da T.)

### *Bibliografia restrita*

HOUSSAYE, Jean. (1988). *Le triangle pédagogique*. Berne. Peter Lang.

HOUSSAYE, Jean. (1988). *Pratiques pédagogiques*. Berne. Peter Lang.

HOUSSAYE, Jean. (1993). *La pédagogie : une encyclopédie pour aujourd'hui*. Paris. ESF. Direction.

### **Correspondência**

**Jean Houssaye**, Professor da Université de Rouen, França, onde coordena o Laboratoire CIVIIC (Centre de recherches interdisciplinaires sur lês valeurs, lês idées, lês identités et le competence en éducation et formation)

---

Texto publicado em [Currículo sem Fronteiras](#) com autorização do autor,  
traduzido por Nilda Alves, professora titular da UERJ.

---